



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 21 de fevereiro de 2011

A CRÍTICA

LIMITE DA POBREZA.....	1
ECONOMIA	

A CRÍTICA

Rodrigo Araújo	2
BEM VIVER	

AMAZONAS EM TEMPO

Contexto	3
OPINIÃO	

AMAZONAS EM TEMPO

Novo mínimo afeta salários informais	4
ECONOMIA	

DIÁRIO DO AMAZONAS

Claro & Escuro.....	5
OPINIÃO	

DIÁRIO DO AMAZONAS

ZONA FRANCA	6
AMAZONAS	

DIÁRIO DO AMAZONAS

ENTREPOSTO EM MG.....	7
AMAZONAS	

DIÁRIO DO AMAZONAS

MEDIDAS	8
AMAZONAS	

LIMITE DA POBREZA

Novo valor do mínimo em R\$ 545 afeta salário informal

Aprovação pode afetar os salários mais baixos pagos na economia brasileira

RIO (AE) - A interrupção do aumento real do salário mínimo em 2011, com a fácil aprovação pelo governo do novo valor de R\$ 545 na Câmara dos Deputados, pode afetar também os salários mais baixos pagos na economia informal brasileira, para trabalhadores no limite da extrema pobreza. Recente pesquisa do economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que, desde

2004, a alta do mínimo tem puxado, com a mesma intensidade, o verdadeiro piso do mercado de trabalho, que são as menores remunerações do setor.

O salário mínimo saltou de R\$ 260 em 2004 para R\$ 465 em 2009. Em termos reais, já descontada a inflação, o aumento foi de 42%. Os dados de Barbosa Filho mostram que o "salário base", o ganho médio sem carteira assinada de um jovem trabalhador negro com primário incompleto e sem experiência profissional, subiu de R\$

Busca rápida



Construção da rede de bem estar social

O economista Samuel Pessoa acha que o atrelamento entre o piso do setor informal e o mínimo desde 2004 está ligado ao que chama de "constituição da nossa rede de bem-estar social".



Banca de camelô no Centro da cidade: exemplo da economia informal

79 para R\$ 161 no mesmo período.

Em termos reais, o ganho foi de 61%. Mas, se a comparação for feita com 2003 (em 2004 houve queda real do salário base), a alta é de 47%, próxima da registrada pelo mínimo.

O economista usou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), cujos últimos resultados são de 2009. "Os pobres pedem aumento quando o mínimo sobe, e acaba funcionando como uma espécie de indexador", diz Filho.

O seu levantamento mostra que, entre 1994 e 2004, o mínimo teve um crescimento real de 70%, enquanto que o piso do setor informal caiu 29%.

Com isso, o salário base, que representava 58% do salário mínimo em 1994, caiu para 30,5% em 2004. A razão foi a discrepância entre o aumento real do mínimo, e a queda do piso do setor informal.

Rodrigo Araujo

Convenção Grupo Simões 2011

Colaboradores do Grupo Simões discutiram estratégias para este ano durante a Convenção da Divisão de Bebidas 2011. O evento foi realizado no Hotel Amazônia Golf Resort, no Município de Rio Preto da Eva, e contou com a

participação de Klever Colbert, piloto do Rally Paris-Dakar. Além de distribuir as cervejas da Heineken Brasil, o Grupo Simões também produz e comercializa os refrigerantes da The Coca-Cola Company.

Contexto

Made in China

O governo se prepara para anunciar, ainda este mês, medidas para proteger a indústria contra a enxurrada de produtos chineses que invadiu o mercado nacional.

Novo mínimo afeta salários informais

AGÊNCIA ESTADO

A interrupção do aumento real do salário mínimo em 2011, com a fácil aprovação pelo governo do novo valor de R\$ 545 na Câmara dos Deputados, pode afetar também os salários mais baixos pagos na economia informal brasileira, para trabalhadores no limite da extrema pobreza.

Recente pesquisa do economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que, desde 2004, a alta do salário mínimo tem puxado, com a mesma intensidade, o verdadeiro piso do mercado de trabalho, que são as menores remunerações do setor informal.

O salário mínimo saltou de R\$ 260 em 2004 para R\$ 465 em 2009. Em termos reais, já descontada a inflação, o aumento foi de 42%. Os dados de Barbosa Filho mostram que o "salário base", o ganho médio sem carteira assinada de um jovem trabalhador negro com primário incompleto e sem experiência profissional,

subiu de R\$ 79 para R\$ 161 no mesmo período. Em termos reais, o ganho foi de 61%. Mas, se a comparação for feita com 2003 (em 2004 houve queda real do salário base), a alta é de 47%, próxima da registrada pelo mínimo. O economista usou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), cujos últimos resultados são de 2009.

"Os pobres pedem aumento quando o mínimo sobe, e acaba funcionando como uma espécie de indexador", diz Barbosa Filho. Ele acrescenta, porém, que só esse fator não explica a sincronia entre o salário mínimo e o salário-base desde 2004, já que essa relação nem sempre existiu. O seu levantamento mostra, por exemplo, que, entre 1994 e 2004, o mínimo teve um crescimento real de 70%, enquanto que o piso do setor informal caía 29%.

Dessa forma, o salário base, que representava 58% do salário mínimo em 1994, caiu para 30,5% em 2004. A razão foi a discrepância entre o aumento real do mínimo, e a queda do piso do setor informal. Mas essa tendên-

cia inverteu-se subitamente a partir de 2004, e tanto um como outro começaram a crescer em ritmo semelhante. Assim, a proporção entre eles manteve-se parecida, com uma leve alta: em 2009, o salário-base representava 35% do salário mínimo.

O salário mínimo teve cres-

Entre 1994 e 2004, o mínimo teve um crescimento real de 70%, enquanto que o piso do setor informal caía 29% no mesmo período

cimento real de 142% de 1994 a 2009, e de 150% até 2010. O salário base, por sua vez, aumentou apenas 15% de 1994 a 2009, por causa da queda até 2004.

Bem-estar social

O economista Samuel Pessoa, da consultoria Tendên-

cias, mas também ligado ao Ibre, acha que o atrelamento entre o piso do setor informal e o salário mínimo desde 2004 está ligado ao que chama de "constituição da nossa rede de bem-estar social". Ele nota que o salário mínimo está associado a diversos benefícios previdenciários e sociais, como a Previdência Rural e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), para idosos pobres. Mais recentemente, apesar de não ligado ao mínimo, a expansão do Bolsa-Família ajudou a completar a rede de segurança para a população mais pobre. "A minha interpretação é que essa rede ampara o trabalhador mais desfavorecido, e, portanto, eleva o que chamamos de 'salário de reserva', isto é, o mínimo que se aceita para trabalhar", diz Pessoa.

A visão de Barbosa Filho é a mesma. Ele acrescenta que o movimento do salário base desde o início da década de 90 sugere que a parte inferior do mercado de trabalho no Brasil sofreu forte impacto da "revolução tecnológica em prol das pessoas mais qualificadas".

Assim, num primeiro momento, à medida que os postos ofertados pelas empresas passavam a exigir crescentes níveis de qualificação, a grande massa de trabalhadores de pouquíssima educação no Brasil sofreu um forte impacto negativo. Menos demandados como mão de obra, os seus rendimentos não tiveram condições de acompanhar a alta real do salário mínimo.

A partir de 2003, porém, a oferta de trabalhadores de baixa qualificação começou a cair também. Dessa forma, mesmo em relação à menor quantidade de postos de trabalho deste nível, deve ter havido escassez de trabalhadores, o que explica por que os rendimentos reais começaram a subir fortemente, acompanhando os aumentos do mínimo.

Educação muda perfil

Barbosa Filho explica que uma das razões para a diminuição da oferta de trabalhadores de qualificação muito baixa é o aumento da educação da força de trabalho. Mas tanto ele como Pessoa não acreditam que apenas isso possa ter causado uma reviravolta no mercado de trabalho dos mais pobres, fazendo com que as piores remunerações no setor informal passassem a acompanhar a alta acelerada do mínimo a partir de 2004.

Para eles, foi a rede de

proteção social montada nos últimos anos que fez com que muitos trabalhadores de baixíssima qualificação simplesmente abandonassem o mercado de trabalho, optando por viver de transferências do governo. Barbosa Filho nota que a participação das pessoas com apenas até a 4ª série do Fundamental no total dos trabalhadores brasileiros caiu de 0,7% em 1995 para 0,2% em 2004, e para 0,1% em 2009.

Claro & Escuro

LETRAS E NÚMEROS

4 mil

motocicletas é quanto a fabricante Harley-Davidson pretende vender este ano, depois de inaugurar sua nova fábrica em Manaus, em março. Esse é o mesmo número de 2010, mas a fábrica ainda está parada em função da mudança. A previsão é montar 13 modelos na Zona Franca.

ZONA FRANCA

Incentivos fiscais em análise

Na quarta e quinta-feira, o Estado e a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) reúnem os conselhos de administração para analisar pedidos de incentivos fiscais para projetos industriais e de serviços em Manaus.

A reunião do Conselho de Desenvolvimento do Amazonas (Codam) é no próximo dia 23, às 15h, na Secretaria de Estado de Planejamento (Seplan).

No dia seguinte é vez do Conselho de Administração da Suframa (CAS) analisar a concessão de incentivos fiscais federais.

ENTREPOSTO EM MG

Grupo quer ampliar negócios com a ZFM

Uma comitiva formada por profissionais de consultoria técnica e de representantes de órgãos empresariais de Uberlândia (MG) esteve em Manaus cumprindo uma agenda de reuniões cujo objetivo é apresentar um protocolo de cooperação técnica entre a Secretaria de Estado de Fazenda (Sefaz) e a Prefeitura de Uberlândia visando a divulgação dos serviços e canais de negócios entre os dois Estados, a partir da inauguração do entreposto de Uberlândia.

Na quinta-feira passada foi a vez do secretário de Estado da Fazenda, Ispier Abrahim, receber a visita dos mineiros que explanaram a necessida-



Empresários querem divulgar entreposto em Uberlândia /Foto: Jair Araújo/18/12/06

de de se criar um canal de negócios envolvendo os serviços do entreposto.

“Nós entendemos que o Governo do Amazonas fez a sua parte quando criou o entrepos-

to, entretanto, a nossa é reforçar que o entreposto está lá e que os canais de comunicação entre nós e os empresários aqui instalados precisam ser reforçados para possibilitar o incremento

de negócios”, acentuou José Roberto dos Santos, diretor da Geobrasil, empresa consultora de gestão de projetos.

Para o secretário Ispier Abrahim, a iniciativa de visitar o Amazonas com o intuito de vender os produtos do entreposto é pioneira e importante, inclusive para o turismo.

A comitiva cumpriu agenda de reuniões na sexta-feira junto ao Centro das Indústrias do Amazonas (Cieam) e à Suframa e está programando a realização de um encontro de dois dias em Manaus reunindo diversos setores da indústria, do comércio atacadista e varejista e de órgãos públicos. A data ainda será agendada.

MEDIDAS

Barreira a produto chinês terá limites no mercado

O governo se prepara para anunciar, ainda este mês, medidas para proteger a indústria contra a enxurrada de produtos chineses que invadiu o mercado nacional.

Porém, essa proteção não será geral e irrestrita. Ainda que boa parte das reclamações da indústria encontre respaldo no Palácio do Planalto, os mesmos que acenam com mudanças no tratamento dispensado aos chineses também reconhecem que algumas das dificuldades das empresas brasileiras são decorrentes de problemas locais.

Além disso, as defesas não podem fechar as portas para o maior comprador de produtos brasileiros do planeta. O desafio não é trivial.

O Ministério do Desenvolvimento e o Itamaraty terão de trabalhar em perfeita sintonia para atender, simultaneamente, os que penam com a concorrência chinesa e aqueles que se beneficiam do desempenho da segunda maior economia do mundo.

Entraves

De acordo com fontes consultadas pelo Estado no Planalto, no Ministério do Desenvolvimento e no Itamaraty, os entraves nas relações comerciais entre os dois países ainda são pequenos diante da "brutal oportunidade" que o mercado chinês representa para as empresas brasileiras.

Uma das preocupações do Itamaraty é não transformar os chineses numa espécie de bode expiatório das dificuldades da indústria nacional para evitar confrontos na área comercial. "A China gera problemas, mas não podemos dizer que todos os nossos problemas são provenientes da China", explica uma das fontes envolvidas nas discussões. As informações são do jornal 'O Estado de S. Paulo'.